

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Promoção da

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento de Teatros

em colaboração com

E. Billoro Promoções Culturais

apresentam

TEMPORADA LIRICA OFICIAL DE 1977

Prefeito do Município de São Paulo

DR. OLAVO EGYDIO SETUBAL

Secretário de Cultura

PROF. SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI

Diretor Depto. Teatros

DR. LUIZ NAGIB AMARY

- 6.º récita de Gala, 11 de Outubro, Terça-feira, às 21 horas
 6.º récita, extraordinária, 14 de Outubro, Sexta-feira, às 21 horas
 6.º récita, vespéral, 16 de Outubro, Domingo, às 16 horas

O NAVIO FANTASMA (Der Fliegende Hollaender)

Ópera em 3 atos com música e libreto de RICHARD WAGNER

Personagens e interpretes

Daland, capitão norueguês	PETER LAGGER
Senta, sua filha	UTE VINZING
Erik, um caçador	HERBERT BECKER
Mary, aia de Senta	ODETTE VIOLANI HANSSON
O piloto do navio de Daland	RICARDO CASSINELLI
O Holandês	ROLF KUEHNE

Direção musical:

DIETFRIED BERNET, GMD

Regisseur:	WOLF-DIETER LUDWIG
Cenários segundo:	Vasitti MAGNUS
Execução cenográfica:	FRANCISCO GIACCHERI
Mto. do coro:	Orestes M. SINATRA
Regisseur assistente:	Emmerson ECKMAN
Chefia de guarda-roupa:	Mathilde Godoy Adas
Ponto:	Emilia ROSA
Diretor de palco:	Mto. MANGIONE Jr.
Mtos. preparadores:	Claudio de Brito, Fabio Mechetti
Assistente de produção:	Darcy T. YARUSSI

Os agradecimentos ao Exmo. Sr. Sec. Cultura de Buenos Aires, Ricardo T. FREIXA, e à Direção Geral do Teatro Colon.

RESUMO

1.º ato — O prelúdio orquestral descreve o mar enfurecido. Num fjord norueguês, em procura de refúgio, está ancorado o veleiro de Daland (baixo). A tripulação descansa enquanto o timoneiro (tenor) monta guarda. Ele canta uma melodia nostálgica para logo depois adormecer. Ao longe aparece o navio fantasma e ao som do tema do Holandês, a cargo dos instrumentos de metal, lança âncora perto do veleiro norueguês. Do navio fantasma desce um homem de rosto sombrio, o holandês errante (barítono), que, havendo jurado dobrar o Cabo da Boa Esperança, é condenado pelo demônio a vaguear eternamente pelos mares, a menos que, no fim de sete anos, encontre uma mulher cuja fidelidade até à morte o possa redimir. No seu monólogo, o holandês canta "Wie fott in Meeres tiefsten Schlind" (Quantas vezes nas profundezas do mar), seguido pela oração "Dich frage ich, gepriesener Engel Gottes" (A ti pergunto, bendito anjo do céu), e concluindo, "Nur eine Hoffnung" (Uma só esperança). Almejando uma casa onde possa descansar, oferece a Daland, que antes se referiu a sua bela filha, os seus tesouros para que este o abrigue ao menos uma noite. O capitão aceita, cantando "Wie Hör ich recht?" (Como! Terei ouvido bem?). Eles partem, aproveitando o vento favorável e o holandês sonha que a filha de Daland talvez seja a mulher que o há de salvar.

2.º ato — Em casa de Daland, Senta (soprano dramático), sua filha, acha-se fiando com as suas companheiras. Elas cantam o coro das fiandeiras "Summ und brumm du gutes Rädchen" (Zumba e gru-

nha, rodinha). Senta, contemplando uma gravura do holandês errante, canta a balada "Traft ihr das Schiff im Meere an?" (Encontrastes no mar o navio?). Entra Erik (tenor), seu adorador; sonhara que o holandês surgira para raptar Senta e canta "Mein Herz voll Treue" (Meu fiel coração). Aparece Daland em companhia do holandês. Senta fica fascinada; deixados a sós, ele advoga sua causa e canta "Wohl hab auch ich" (Quantas vezes ergui de noite o meu olhar para uma mulher) e Senta responde "Er steht vor mir" (Ele está diante de mim) e consente em tornar-se sua mulher. Segue-se um dueto e Daland entra para dar seu consentimento.

3.º ato — No porto, perto da casa de Daland, seus marinheiros e as moças da aldeia convidam a tripulação do navio fantasma a juntar-se aos seus folguedos. O coro masculino canta "Steuermann, lass die Wacht" (Piloto, deixa a guarda) e a seguir os marujos dançam. Senta sai de casa seguida por Erik, que a convence a não dar aquele passo e a ficar-lhe fiel. Ele canta "Willst jenes Tags du nicht mehr entsinnen" (Tão depressa esqueceste aquele dia). O holandês, que os escutara, julga-se de novo perdido e, saltando do barco, revela à assistência horrorizada o seu nome e a sua fatalidade, não desejando arrastar consigo Senta, que ainda se lhe não havia prometido perante Leus. Faz-se ao largo. Senta, alcançando um rochedo, canta "Presis deinem Engel" (Louva tu o teu anjo) e atira-se ao mar a fim de o seguir até à morte. É o fim da expedição. O navio fantasma desaparece e sobre as ondas eleva-se a visão do holandês e de Senta, unidos para sempre.

Estréia da
TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1977

1.º récita de Gala, 17 de Agosto, quarta-feira, às 21 horas.

1.º récita, extraordinária, 19 de Agosto, sexta-feira, às 21 horas

1.º récita, vespéral, 21 de Agosto, domingo, às 16 horas

Nova produção e encenação inédita para esta Temporada da

TOSCA

Melodrama em três atos, de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, baseado
no drama de Victorien Sardou.

Música de GIACOMO PUCCINI.

Estréia mundial: 1900, Roma

Edição Ricordi

Personagens e interpretes

Floria Tosca	Marisa GALVANY
Mario Cavaradossi	Benito MARESCA
Barão Scarpia	Gianpiero MASTROMEI
Angelotti	Paulo ADONIS
Sacristão	Wilson CARRARA
Spoletta	Assadur KIULTZIAN
Sciarrone	Boris FARINA
Um carcereiro	Jelvis MARESCHI
Um pastor	Zelia R GUIMARÃES
Roberti	N. N.

Direção musical

Mto. MICHELANGELO VELTRI

Orquestra Sinfônica Municipal e Coral Lírico

Regisseur:	Constantino JURI
Mto. do coro:	Orestes M. SINATRA
Regisseur assistente:	Emmerson ECKMAN
Chefia guarda-roupa:	Matilde Godoy Adas
Ponto:	Emilia ROSA
Cenografia:	Francisco GIACCHERI
Diretor de palco:	Mto. MANGIONE Jr.
Mtos. preparadores:	Claudio de Brito - Fabio Mechetti
Assistente de produção:	Darcy T. YARUSSI
Coordenador musical:	Mto. Marcelo MECHETTI
Chapéus:	Madame LYDIA

Material musical da Ricordi Brasileira S/A.

RESUMO

1.º ATO

Cena: Na Igreja

Fugindo do cárcere para onde o levava uma perseguição política, Angelotti, exausto e faminto, consegue atingir a igreja onde espera encontrar abrigo. Procura a chave da capela deixada pela irmã, a marquesa de Attavanti, para lá trocar de roupa. Mal desaparece o fugitivo, surge o velho sacristão e logo após, Mario Cavaradossi, que vem trabalhar no quadro que está pintando para a igreja.

Descobrimo a tela, onde retrata a loura Magdalena, põe-se a comparar-lhe a beleza com a da sua amante, a cantora Floria Tosca (Recondita Armonia). Angelotti, que os espreita, mal o sacristão se afasta, dá-se a conhecer ao pintor implorando-lhe que o auxilie a obter um refúgio mais seguro.

Aproxima-se Tosca chamando por Mario e este, entregando ao amigo o cesto com sua merenda, empurra-o apressadamente para o interior da capela.

Tosca entra, trazendo flores para a Virgem e, ao contemplar o quadro, descobre a semelhança da figura com a marquesa de Attavanti. Enciumada, acusa o amante de traição, este, porém, rindo alegremente, tranquiliza-a com palavras de carinho (Mia Gelosa). Os jovens despedem-se e Tosca retira-se. Mário então, propõe a Angelotti escondê-lo no poço do jardim de sua casa. Ouve-se um tiro de canhão anunciando a fuga de um prisioneiro.

A igreja começa a encher-se do povo que vem para o "Te Deum". Chega também o Barão Scarpia, o tirânico chefe de polícia de Roma que, desconfiado da presença de Angelotti no templo, ordena uma busca. Ao ser encontrado o cesto de Mário no interior da capela, compreende que o pintor se tornara cúmplice do fugitivo, ajudando-o a escapar.

Tosca volta em busca de Mário, Scarpia, que se sente atraído pela beleza da cantora, recebe-a com galanteios, procurando, ao mesmo tempo, despertar os ciúmes da moça, apresentando-lhe o leque da marquesa de Attavanti, que também fora achado na capela. Tosca repele-o desdenhosamente.

Enquanto se canta o "Te Deum", Scarpia, à parte, concebe um plano para recapturar o fugitivo, comprometer Mário e obter para si o amor de Tosca.

2.º ATO

Cena: — Aposentos de Scarpia, no Palácio Farnese

Naquela noite, Tosca iria cantar na festa do palácio e Scarpia a convida para a ceia, após a apresentação.

Rigorosa busca fora efetuada na casa de Mário, não tendo sido encontrado o menor vestígio do prisioneiro, Scarpia ordena que tragam Mário à sua presença.

Interrogado, este repele qualquer acusação, mostrando-se arrogante e destemido. Ao chegar, Tosca admira-se de ali encontrar Cavaradossi e este segreda-lhe que não revele o esconderijo de Angelotti.

Mário é levado para sala contígua onde é submetido à tortura, enquanto Scarpia tenta obter de Tosca a informação desejada. A cantora resiste a princípio, mas os gritos de Mário, brutalmente espancado, rompe-lhe a resistência, fazendo-a revelar tudo.

Trazem Mário, quase desfalecido, mas feliz por ter resistido. Logo, porém, percebe que fora traído e ao ser anunciado mais um triunfo de Bonaparte, não esconde sua alegria gritando com todas as forças que lhe restam: "Vitória! Vitória!"

Scarpia ordena que o levem e o executem sumariamente. Ouvindo-o, Tosca sente-se desfalecida de angústia. Scarpia, indiciosamente, sugere-lhe, então, o meio de salvá-lo: em troca de seu amor, poderá fornecer um salvo-conduto para Mário partir para o estrangeiro...

Tosca resiste; pensa na sua vida dedicada à arte e ao amor (Vissi D'Arte).

Finalmente, decidida a sacrificar-se pela liberdade de Mário aceita.

Scarpia manda vir Spoletta e ordena-lhe que o fuzilamento de Mário seja simulado, mencionando como exemplo a execução do conde Palmieri. Tal referência, porém, indica, pelo contrário, que o prisioneiro deve ser sumária e urgentemente executado.

Enquanto o barão prepara o salvo-conduto, Tosca aproximando-se

da mesa, para beber um copo de vinho apodera-se de uma faca e, quando o tirano tenta abraçá-la, certo de obter o prêmio cobiçado, a moça, com mão firme, crava-lhe a arma no peito.

Retirando-lhe da mão o salvo-conduto, Tosca foge deixando estendido no chão, entre duas velas acesas, o corpo do homem diante do qual Roma inteira tremia.

3.º ATO

Cena: — No terraço do Castelo de Santo Angelo

Amanhece. Ouve-se o canto de um pastor. Mário aguarda a hora da execução. Obtivera do carcereiro, em troca do seu anel, permissão para escrever à Tosca, uma carta de despedida, que vem despertar em seu coração a lembrança dos dias felizes (E Lucevan Le Stelle).

Tosca aparece e mostrando-lhe o salvo-conduto, confessa-lhe haver matado o tirano. Tomando-lhe as mãos, Mário pede-lhe perdão e agradece-lhe (O Dolce Mari). Juntos, acreditando-se salvos, os dois jovens combinam o plano de evasão.

Chega o pelotão de fuzilamento. Tosca explica-lhe a simulação e separa-se confiante.

Ouve-se a descarga de fuzilaria e Mário tomba. Aproximando-se do moço, a infeliz mulher percebe que fôra também enganada pelo cruel Scarpia: Mário está morto.

E, vendo chegar Spoletta acompanhado dos guardas em perseguição dela, Tosca, tomada de alucinação, atira-se do alto da torre.

João Marcos Coelho

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Agosto
21
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
TOSCA

* I 11

Cr\$ 1.200,00
 200,00
 POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Agosto
21
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
TOSCA

* I 13

Cr\$ 2.000,00
 200,00
 POLTRONA

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso op. Tosca
 A Celso Maria Melo Pupo

CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00

poltrona	data	horário
21	21.08.77	

Responsável: *[assinatura]*

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso op. Tosca
 A Maria Lourdes de Melo Pupo

CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00

poltrona	data	horário
22	21.08.77	

Responsável: *[assinatura]*

RESUMO

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Promoção da

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento de Teatros

em colaboração com

E. Billoro Promoções Culturais

apresentam

TEMPORADA LIRICA OFICIAL DE 1977

**Prefeito do Município de São Paulo
DR. OLAVO EGYDIO SETUBAL**

**Secretário de Cultura
PROF. SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI**

**Diretor Depto. Teatros
DR. LUIZ NAGIB AMARY**

Leonor Aguiar de Melo Rupp
22 280349

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1977

2.º récita de Gala, 25 de Agosto, quinta-feira, às 21 horas

2.º récita, vespéral, 28 de Agosto, domingo, às 16 horas

2.º récita, extraordinária, 31 de Agosto, quarta-feira, às 21 horas

Nova produção e encenação inédita para esta Temporada do

“OTELLO”

Drama lírico em quatro atos de Arrigo Boito baseado na obra homônima de William Shakespeare.

Música de GIUSEPPE VERDI.

Estréia mundial: 1887, Milano

Edição Ricordi

Personagens e interpretes

Otello	James Mc CRACKEN
Desdemona	Orianna SANTUNIONE
Jago	Gianpero MASTROMEI
Cassio	Benito MARESCA
Rodrigo	Aguinaldo ALBERT
Lodovico	Paulo ADONIS
Montano	Luiz OREFICE
Emilia	Odette VIOLANI HANSSON
Um heraldo	Jelvis MARESCHI

Direção musical

Mto. MICHELANGELO VELTRI

Orquestra Sinfônica Municipal e Coral Lírico

Regisseur: Constantino JURI
Cenários: Robert OSWALD

TEATRO COLON DE BUENOS AIRES

Iluminação: Anibal LAPIZ
Mto. do coro: Orestes M. SINATRA
Diretor de palco: Mto. MANGIONE Jr.
Mtos. preparadores: Claudio de Brito - Fabio Mechetti
Ponto: Emilia ROSA
Assistente de produção: Darcy T. YARUSSI
Realização cenotécnica: Francisco GIACCHERI
Regisseur assistente: Emmerson ECKMAN
Chefia guarda-roupa: Matilde Godoy Adas

Material musical da Ricordi Brasileira S/A.

RESUMO

1.º Ato

A cena inicial apresenta um porto de mar na Ilha de Chipre. É noite e desencadeia-se um furacão.

A obra não inclui “courverture”; somente alguns compassos que descrevem a tempestade antecedem a abertura das cortinas.

O povo encontra-se reunido para prestar homenagens ao general mouro Otello, governador da Ilha, que a serviço do Senado de Veneza, após vencer uma batalha contra os turcos, regressa triunfante e, não obstante a grande violência do vendaval e conseqüente agitação do mar, consegue por-se a salvo, surgindo exultante seguido de seus soldados.

Iago, seu alferes, que por razões íntimas o odeia, entende-se com Roderigo, jovem veneziano apaixonado de Desdêmona, esposa de Otello, com o fim de, através de uma trama maléfica, se desferrar deste e ao mesmo tempo prejudicar o Capitão Cássio, oficial protegido do general, a quem inveja.

Pondo em execução um plano pré-estabelecido, Iago consegue fazer com que Cássio se embriague. Roderigo passa a provocar Cássio, com zombarias, do que se origina uma luta violenta, entre ambos, culminando com um ferimento de Cássio sobre Montano (antigo governador da Ilha), quando este tentara interferir para apaziguar os ânimos.

Otello, que havia se retirado, surge atraído pelo tumulto e, após ouvir uma narrativa inverídica de Iago sobre a origem dos acontecimentos, demite Cássio da função de Oficial.

Atraída pelo mesmo motivo, Desdêmona também ali comparece e, quando a multidão se dispersa ela e o mouro cantam o dueto famoso em que falam do seu amor e dos motivos que fizeram com que ele surgisse entre ambos.

2.º ATO

Este ato tem como cenário o pavilhão do castelo do governador.

A orquestra executa uma breve introdução.

Iago, decidido a despertar ciúmes em Otello, convence Cássio a pedir à Desdêmona para que interceda em seu favor, junto ao marido, a fim de ser perdoado e readmitido em sua função. Cassio sai; Iago então entoa o famoso “Credo” da ópera. Depois, dispõe convenientemente um encontro entre Cássio e Desdêmona e, no momento em que estes estão conversando no jardim, aponta-os a Otello, despertando, com pérfidas insinuações e exclamações, as suspeitas do mouro.

Iago faz ainda uso de Emília, sua mulher e aia de Desdêmona, para subtrair-lhe um lenço, pensando em utilizá-lo posteriormente, como prova. Isso acontece quando Desdêmona, ao interferir em favor de Cássio, junto a Otello que se esquivava, inadvertidamente deixa seu lenço cair ao chão sendo apanhado por Emília e posteriormente tomado por Iago.

A cena termina com o juramento de vingança de Otello, ao qual Iago insiste em se associar.

3.º ATO

Salão nobre do castelo.

Há uma introdução orquestral, depois da qual a cena é desenvolvida.

No salão nobre se encontram Otello e Iago em conversa, quando é anunciada a chegada da galera veneziana que traz os embaixadores de Chipre. Surge Desdêmona; Iago se retira, não porém sem recomendar a Otello para que não se esqueça do lenço.

Inocentemente Desdêmona volta a insistir no sentido de demover Otello em favor de Cássio. Em lugar da resposta, Otello, alegando sentir-se mal, pede-lhe para atar à

sua cabeça seu lenço — “aquele lenço que ele lhe dera no passado”. Porém, como o lenço que Desdêmona apresenta não é o pretendido e, além disso ela prossegue na insistente tentativa de conseguir o seu intento, ou seja, o já referido perdão de Cássio, tudo faz com que Otello se enfureça e a expulsa de sua presença.

Com a entrada de Cássio, Iago faz com que Otello se oculte a fim de ser testemunha furtiva de uma conversa que ele pretende estabelecer com Cássio. Esse diálogo tem como assunto os amores de Cássio com a cortezã Bianca, sua amante, bem como sobre um lenço que esta lhe dera.

A conversa é mantida a meia-voz e Iago a conduz de tal forma que consegue levar Otello a se convencer tratar-se de Desdêmona, em lugar de Bianca.

No momento em que Cássio fala sobre o misterioso lenço, Iago mostra aquele que surrupiara de Emília, fazendo com que Otello se convença ainda mais da deslealdade de sua esposa.

Com a chegada dos dignatários venezanos, Otello coloca-se em posição de recebê-los. Após uma curta saudação toma conhecimento da mensagem do Senado, que anuncia seu regresso à Veneza, ficando o governo de Chipre entregue a Cássio.

O desenrolar dos fatos leva Otello a ser tomado de tal furor que, após algumas demonstrações de violência, arremessa Desdêmona ao sólo, sem se preocupar com a presença do embaixador e dos demais circunstantes, ordenando em seguida que todos se retirem, permanecendo apenas Iago. Porém, a cólera do mouro tanto se eleva que, entre improperios e ameaças, tomba inconsciente.

4.º ATO

Um curto prelúdio da orquestra inicia este ato.

A cena apresenta a alcova de Desdêmona.

Tomada de profunda tristeza e assaltada por funestos pressentimentos, Desdêmona instrui Emília sobre as providências que deverá tomar no caso de sua morte vir a ocorrer. Despede-a e a seguir entoava uma comovente canção à Virgem; finalmente deita-se e adormece.

Por uma porta secreta entra Otello que se dirige para o leito da esposa a quem, depois de contemplar por algum tempo, beija, despertando-a. Acusa-a então de amar Cássio, citando como argumento o lenço que ela não mais possui, intimando-a a não negar a acusação.

Veementemente Desdêmona insiste em sua inocência, lutando por ser acreditada; Otello, porém, não obstante seus rogos e suas lágrimas, sufoca-a impiedosamente.

Mal terminada esta cena brutal surge Emília, comunicando que Roderigo fôra morto por Cássio, ao tentar assassiná-lo.

Otello, entretanto, se mantém irreduzível com relação à deslealdade de Desdêmona, ante o que Emília, indignada, clama por socorro.

Acorrem Lodovico, Cássio, Iago e outros; Emília revela, então, toda a ignóbil trama urdida por Iago, seu marido. Foge o vilão e Otello dispõe-se a segui-lo, mas é dissuadido por Lodovico que o faz reconhecer a inutilidade da vingança, ante aquela situação.

Otello, consiente da tragédia, dirige-se para o leito de Desdêmona proferindo pungente monólogo, findo o qual toma de seu punhal e fere-se mortalmente.

Judith Cabette

CMP 1.2.4.30-4

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Agosto
28
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
OTELLO

Cr\$ **1.200,00**

I 11

POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Agosto
28
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
OTELLO

Cr\$ **1.200,00**

I 13

POLTRONA

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso opera Otello
 A Celso Maria de Melo Pupo

CARRO N.º 01 data 28.08.77 Cr\$ 250,00

poltrona	data	horário
<u>21</u>	<u>28.08.77</u>	

Responsável [assinatura]

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso opera Otello
 A Leonor Maria de Melo Pupo

CARRO N.º 01 data 28.08.77 Cr\$ 250,00

poltrona	data	horário
<u>22</u>	<u>28.08.77</u>	

Responsável [assinatura]

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Prefeitura do Município de São Paulo Secretaria Municipal de Cultura
Departamento de Teatros E. Billoro Promoções Culturais

TEMPORADA LIRICA OFICIAL DE 1977

- 3.º récita de Gala, 9 de Setembro, sexta-feira, às 21 horas
 3.º récita, vespéral, 11 de Setembro, domingo, às 16 horas
 3.º récita, extraordinária, 14 de Setembro, quarta-feira, às 21 horas

Nova produ o e encena o inédita para esta Temporada de

SALVATOR ROSA

Drama lírico em quatro atos de Antonio Ghislanzoni

Música de ANTONIO CARLOS GOMES

Estréia mundial: 1874, Genova

Edi o Ricordi

Personagens e interpretes

Salvator Rosa	Benito MARESCA
Isabella	Nina CARINI
Duque d'Arcos	Edilson COSTA
Tommaso Aniello (Masaniello)	Paulo FORTES
Gennariello	Ruth STAERKE
Conde de Badajoz	Aguinaldo ALBERT
Fernandez	Ayrton NOBRE
Corcelli	Wilson CARRARA
Lorenzo	Boris FARINA
Bianca e Inês	Leila TAYER

Dire o musical

Mto. SIMON BLECH

Orquestra Sinf nica Municipal e Coral Lírico

Regisseur:	Gianni RATTO
Cenários:	Gianni RATTO
Execu�o do cenário:	DORLOFF
Mto. do coro:	Orestes M. SINATRA
Regisseur assistente:	Emmerson ECKMAN
Ponto:	Emilia ROSA
Chefia guarda-roupa:	Matilde Godoy Adas
Diretor de palco:	Mto. MANGIONE Jr.
Mtos. preparadores:	Claudio de Brito - Fabio Mechetti
Realiza�o cenotécnica:	Francisco GIACCHERI
Sapatos:	Mak DON
Botas:	LAZINHO
Chapéus:	Madame LYDIA
Assistente de produ�o:	Darcy T. YARUSSI
Chefe de confec�o:	MARTHA BETTI

Casa Fortaleza - Tecidos Neves - Tecelagem Saliba

Material musical da Ricordi Brasileira S/A.

SALVATOR ROSA — RESUMO

5.^a ópera de Antônio CARLOS GOMES (1836-1896), em 4 atos e 7 quadros.

Libreto de Antonio Ghislanzoni (1824-1893), com base no romance "Masaniello", do publicista francês Eugène de Mirecourt (1812-1880).

Base histórica: a malograda revolta napolitana de 7 de julho de 1647, durante o domínio espanhol, em que os pescadores, chefiados por Masaniello (corruptela de Tomaso Aniello), se insurgem contra os impostos excessivos cobrados pelo vice-rei, o duque de Arcos. Salvator Rosa (1615-1673), figura central da ópera, era poeta, pintor e músico, natural de Nápoles e, como aventureiro, defensor de oprimidos e amigo de Masaniello, teria tomado parte ativa na rebelião. Os incidentes desta, entretanto, não ficaram bem esclarecidos, dando margem a liberdades literárias, ora épicas, ora românticas.

Estréia: 21 de março de 1874, no Teatro Carlo Felice, de Gênova, com grande êxito.

RESUMO

PRIMEIRO ATO

Quadro I — Um estúdio de pintor.

Inicialmente, ouve-se um Prelúdio, harmonicamente bem construído, em que surgem dois temas importantes da ópera — o da 'romanza' do protagonista no 1.^o ato, **Forma sublime**, e o do dueto de amor de Salvator e Isabella.

Ao levantar o pano, Salvator Rosa está ocupado a retocar um quadro e, ao mesmo tempo, conversa com Gennariello (soprano, em "travesti"), que arrisca uma opinião sobre a pintura: as figuras femininas do amigo são todas parecidas. Salvator explica que o motivo disto é estar apaixonado por uma só mulher, que lhe ocupa o coração. Para espanto do pintor, que o julga ainda um garoto, Gennariello confessa que também está amando e que até compusera uma canção para a namorada. E passa a cantá-la: é a famosa **Serenata "Mia piccerella"**, certamente o trecho mais conhecido da partitura (tendo mesmo sido gravado por Enrico Caruso e Claudia Muzio).

Está na segunda estrofe quando entra Masaniello, que junta seus louvores aos de Salvator, àquele **vero figliuol di Napoli**. Instado para sair, Gennariello só o faz quando o pescador garante que lhe entregará um fuzil há tempos prometido.

Uma vez sozinhos, Masaniello comunica ao pintor que tudo está pronto para que, ao meio dia, o povo napolitano se levante contra os opressores espanhóis. É o dueto, de caráter marcial, **All'armi! Iddio lo vuoll!** A uma pergunta de Salvator, Masaniello responde que não tem propósitos sanguinários, e que aceitará um acordo honroso com o

vice-rei, e isto estreita mais ainda o elo que os une: **Fratelli in un pensiero**, em que suas vozes repetem o tema do dueto.

Agora só, Salvator medita sobre o amigo (**Sublime cor! Nobile spirito!**) e a causa revolucionária que os empolga, mas logo desvia o pensamento para aquela que é sua inspiradora e por quem daria a vida: é a bela ária **Forma sublime, eterea**.

Gennariello irrompe, ofegante, para avisar que Salvator deve fugir, pois os espanhóis já lhe cercaram a casa. É tarde, porém. O conde de Badajoz faz uma solene entrada, com soldados, e dá voz de prisão a Salvator, que tem apenas tempo de dizer a Gennariello para correr a Masaniello e dar-lhe ciência do que acabava de acontecer.

Gennariello lamenta-se, atordoado, mas cria alma nova com a chegada ruidosa de discípulos de Salvator, à procura do mestre: Coro de Estudantes: **Dov'è il maestro**, Informados do ocorrido, os rapazes juram lutar pela liberdade, e saem correndo, empunhando os punhais.

Quadro II — Grande sala no palácio do vice-rei

O vice-rei pergunta a Fernandez, comandante das forças espanholas, sobre a esquadra que se aproxima de Nápoles, e fica satisfeito em saber que não tardará a chegar. Quanto à revolta nas ruas, está certo de que Fernandez saberá reprimi-la, e sua recompensa será o casamento com Isabella. Ao sair, Fernandez está exultante com a promessa.

Ficando só, o duque de Arcos verifica se uma porta secreta abre facilmente, pois por ali poderá fugir até o Castel Nuovo, em caso de necessidade.

O conde de Badajoz entra com o prisioneiro e o deixa com o vice-rei, que acusa Salvator de conspirar contra o poder soberano. O pintor se diz filho do povo, razão por que confraterniza com os oprimidos, que apenas desejam a abolição dos impostos extorsivos e a restauração dos Estatutos de Carlos V.

A conversa é interrompida com a entrada de Isabella, para grande surpresa de Salvator, pois identifica sua amada com a duquesa de Arcos, filha do vice-rei! Isabella está alvoroçada com as notícias de revolta, e vem implorar ao pai que seja benevolente com o povo de Nápoles. O duque lembra que tem um dever a cumprir para com o rei de Espanha e Salvator mostra-se arrasado, já que a mulher de seus sonhos é de origem nobre, fora de seu alcance. Tudo isto constitui o Terceto, iniciado por Isabella — **Padre... a te il grido innalzasi**.

Nessa altura, sobrevém o conde de Badajoz, para aconselhar ao vice-rei que se abrigue no Castel Nuovo, já que a insurreição das ruas não pudera ser contida. Ferido no seu orgulho, o duque hesita, enquanto Salvator se oferece para interceder (teme agora por Isabella) e a moça insta com o pai para que ouça o que diz o pintor. Musicalmente, é o que chamaríamos a Cabaletta do Trio, em que se destacam as palavras do vice-rei: **Ch'io ceda... ch'io fugga dinanzi ai ribelli!** Afinal, os espanhóis enveredam pela porta secreta, em demanda de Castel Nuovo.

Logo depois, correm Masaniello e os insurretos vitoriosos, que exultam quando Salvator informa que o duque de Arcos fugira. Sentem-se livres do déspota estrangeiro, o entusiasmo os domina e aclamam Masaniello como seu salvador. É o coro **Del despota stranier**, de caráter marcial, que encerra o 1.^o ato.

SEGUNDO ATO

Quadro I — Uma sala em Castel Nuovo

Olhando pela janela, Isabella reconhece Salvator que se aproxima, e pede ao pai recebê-lo como mediador, ao que o duque responde que só a ele compete decidir os assuntos de Estado, e que ela deve-

rá preparar-se, porque não tarda que voltem para Nápoles.

Ficando sozinho, o vice-rei refilete sobre os problemas que o afligem: os revoltosos fizeram exigências e ele deverá ceder, ferindo o seu amor próprio e traindo a missão de representante do rei de Espanha. Além disso, eram-lhe negadas as alegrias serenas de esposo e de pai. É o que canta na ária **Di sposo... di padre... le gioie serene**. Acaba assinando o decreto que tem diante de si, aceitando as condições dos napolitanos (ou seja, volta à lei de Carlos V e supressão dos tributos exorbitantes).

Como emissário de Masaniello, surge Salvator, a quem o duque mostra o decreto e pede que espere, pois quer aprontar-se para a volta a Nápoles.

Salvator está emocionado, porque o destino o levou tão próximo daquela a quem deve esquecer... e eis que ela aparece, julgando encontrar o pai. Ele diz embaixador de Masaniello e fica surpreso quando Isabella expressa sua satisfação ao saber que o duque atendera aos napolitanos. Assim encorajado, Salvator resolve abrir-lhe o coração. Conta-lhe que, certa manhã, quando pintava na praia de Chiaia, uma jovem se detivera para apreciar o quadro e ele se apaixonara perdidamente... É o início do dueto de amor — **Sulle rive di Chiaia io stava assiso**. Quando Salvator completa o relato, dizendo que ficara desesperado ao descobrir que a amada era inatingível, Isabella cai-lhe nos braços e confessa que também o ama. É a Cabaletta do Duo — **L'accento dell'amor**. Arrebatadamente, ela acrescenta que, sem ele, preferia morrer...

Essa última frase, porém, é ouvida pelo duque de Arcos, que vem entrando com os cortesãos, e exclama, estarecido: **Che intendo!** Rapidamente, agora que voltou a ser senhor de Nápoles, resolve tomar uma atitude dissimulada, e pergunta a Salvator se não vai oferecer o braço à duquesa, para o retorno à cidade. Só depois que todos saem e antes de seguí-los, o vice-rei revela sua verdadeira intenção: Isabella irá para um convento e Salvator morrerá, por sua ousadia.

Quadro II — Uma praia de Nápoles

Os napolitanos estão festejando a vitória e dançam a Tarantella. Gennariello, tipo de aroto de rua de apenas 15 anos, é saudado por sua bravura e todos pedem que conte como participou da luta recente. É o que ele faz, num misto de orgulho e brejeirice, no Racconto — **Poichè vi piace udire**. O povo o aplaude com entusiasmo patriótico, e dança novamente a Tarantella.

Nesse meio tempo, o bandido Corcelli e seus sequazes juntam-se à multidão, reclamando que haviam combatido os estrangeiros, e agora lhes era negado o prêmio que bem mereciam: o saque à cidade.

Chega Masaniello, que é aclamado como libertador e novo rei de Nápoles. O pescador, porém, não tem planos tão altos: contenta-se com o reconhecimento dos direitos do povo, não deseja honras nem poder. Nascera pobre, e só queria viver livre como uma águia, entre o céu e o mar. É o que afirma na Ária **Povero nacqui**...

As fanfarras anunciam a aproximação dos espanhóis e os napolitanos, a conselho de Masaniello, os recebem amigavelmente, embora alguns estranhem aquela manifestação. Coro — **Percacciare lo straniero**.

As desconfianças se dissipam, porém, quando o duque de Arcos, entrando ao lado de Salvator e de seu séquito, leva ironicamente diante os seus propósitos de simular um acordo de paz, que não passava de um engodo para aplacar provisoriamente os anseios populares: estende a mão a Masaniello, que chama de herói, entrega-lhe solenemente o decreto que acabara de assinar e o convida a partilhar do governo, a fim de que nada fosse negado àquela brava gente. Os napolitanos exultam, Masaniello declara que será apenas um defensor do povo, Salvator e Isabella têm esperanças de que possam realizar seu sonho de amor, os bandidos continuam frustrados em suas ambições... Tudo isto é objeto do Concertante que serve de fecho ao segundo ato da ópera.

Masaniello, vencedor mas algo ingênuo na sua simplicidade de pescador, segue com o arduoso vice-rei para o palácio real de Nápoles.

TERCEIRO ATO

Quadro I — Terraço do Palácio.

Está em curso uma festa palaciana, e o Coro Interno **Le tазze colmiamo!** brinda o acordo entre o povo e o vice-rei.

Saem da sala o conde de Badajoz e Fernandez e, de sua conversa em voz baixa, depreendem-se três coisas, ocorridas por ordem do duque: Masaniello fora envenenado durante o banquete, Corcelli e seus mercenários estavam agora a serviço da Espanha, e Isabella se encontrava em um convento, onde permaneceria até obedecer o pai.

Damas e cavalheiros vêm ao terraço, comentando os modos estranhos de Masaniello (Coro: **Di quelle sale**), que também surge atrás deles, roupas e cabelo em desalinho, o olhar desvairado, visivelmente entregue ao delírio. Salvator tenta trazê-lo à razão e adverti-lo de que o vice-rei os traía, mas o amigo nem sequer o escuta. Sob efeito do tóxico que ingerira, Masaniello é presa de uma visão, em que se julga rei, enquanto Salvator lamenta a sorte que os aguarda. É o dueto — **Là... su quel fragil legno...** O pescador acaba por fugir precipitadamente, já agora pensando que vai morrer.

Salvator só não o acompanha porque prefere enfrentar o duque de Arcos, a quem acusa, diante dos cortesãos, de haver envenenado Masaniello. É o pretexto que faltava para que o vice-rei, hipocritamente indignado, mande prender Salvator Rosa.

Quadro II — Cláustro de um convento.

Após breve colóquio com Irmã Inês, Isabella se ajoelha, consternada, enquanto as freiras se dirigem à capela, onde rezarão por uma delas, que está à morte e que de balde procurara, no convento, a cura de um amor impossível (Coro de Freiras, sob órgão — **Alla chiesa muoviamo**).

Ficando só, Isabella compara seu destino com o da infeliz agonizante.

E pede aos ventos que leve ao amado os seus suspiros e as suas lágrimas: **Ária — Volate, volate libere aure dei cieli...**

Inesperadamente, chega o duque de Arcos, tendo início dramático Dueto entre pai e filha: **Mio padre** A princípio, os dois se abraçam e a moça pensa que foi perdoada; o duque até se mostra comovido: **Sola il mio bianco crine...** Mas acaba propondo uma vil barganha: a filha se casará com Fernandez e, em troca, será poupada a vida de Salvator Rosa (**L'insano amor sgombra dal cor...**) Desesperada, Isabella protesta, suplica, mas acaba por ceder à férrea vontade do pai, certa, porém, de que morrerá por isto.

E o ato termina com novo Coro de Freiras, que comentam os mistérios e os infortúnios da vida humana: **Veh, quante lacrime**

QUARTO ATO

Quadro único — Separados por um muro, à esquerda os jardins do duque, à direita ângulo da Igreja del Carmine (dos Carmelitas). Ao longe, a baía de Nápoles.

Despreocupado e alegre, Gennariello repete sua Canção de Amor: **Mie piccerella, deh, vieni allo mare...** Afasta-se, em direção ao mar.

O conde de Badajoz encontra-se no jardim com Corcelli e seus cúmplices, e combina com eles o assassinio de Masaniello na Igreja do Carmo, onde fora convidado a comparecer.

O veneno não fora suficiente para acabar com o robusto pescador! Um Coro Externo, de bandidos, rejubilando-se como defensores do trono, e um Coro Interno, de cortesãos, comemorando o próximo casamento de Isabella e Fernandez, se entrelaçam numa espécie de contraponto coral de bastante efeito.

A cena fica vazia por instantes, até que surge o conde de Badajoz conduzindo Salvator, e quem diz que está livre, graças à clemência

do duque, após o que volta para o castelo.

Salvator estranha aquela inesperada indulgência ducal, mas Isabella corre ao seu encontro, e ele tudo esquece, para atirar-se em seus braços, esfusiante de alegria. A moça vem dizer-lhe adeus e quer que ele fuja. Só então o pintor repara que ela está vestida de noiva e que, no castelo, se eleva um coro nupcial. Isabella explica que o juramento feito ao pai, para salvar-lhe a vida, não abalara seus sentimentos por ele. Salvator, porém, só acreditará se fugirem juntos: é o Dueto — **Vieni, di gioia un'estasi.**

Aflitíssimo, Gennariello vem correndo, dá com Salvator e lhe pede que socorra Masaniello que, ainda dementado, está na igreja repleta de sicários ameaçadores. O pintor hesita, entre o amor e a amizade, e ainda insiste com Isabella para que o siga, quando se ouve um tiro no interior do templo. Só então precipita-se para lá, com Gennariello.

O duque de Arcos sai do palácio e a filha lhe pergunta quem é o responsável pelo crime que fora cometido dentro da igreja. Voltando à cena, Salvator Rosa acusa o próprio duque da morte de Masaniello, faz um gesto para atacá-lo, mas Isabella se interpõe e ele joga o punhal no chão, para não sujá-lo com sangue maldito. Diante de palavra sardônicas que lhe dirige o amado, mandando-a de volta ao noivo, a moça, num gesto rápido e desesperado, recolhe a arma do chão e se apunhala, pedindo a Deus que a perdoe: **Mi perdoni Iddio**

O final da ópera é um Quarte-to-Concertato, que se inicia com um Andante na voz de Isabella agonizante: **Cresciuta al pianto io fui...** Ela pede ao pai que a perdoe, a Salvator Rosa que viva para a arte e a glória; o pintor só então compreende quanto fora amado; o duque se recrimina por sua crueldade, atingindo a própria filha; e Gennariello insta com Salvator para que faça o que dissera a duquesa, a fim de que seu sacrifício não seja em vão. Morta Isabella, todos rezam por sua alma.

João Cântico Póvoa Filho

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso de Salv. Rosa
A Marial. M. Paço
CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00
poltrona data horário

<u>22</u>	<u>11.09.77</u>	
-----------	-----------------	--

Responsável: [Assinatura]

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Departamento de Teatros — E. Billoro
TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Setembro
11
Domingo
16 horas

VESPERAL
Salvador Rosa

Cr\$ * **I 11**
2.000,00 POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Departamento de Teatros — E. Billoro
TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Setembro
11
Domingo
16 horas

VESPERAL
Salvador Rosa

Cr\$ * **I 13**
2.000,00 POLTRONA

Passagem para Excursão
VALE UMA PASSAGEM DE ingresso de Salv. Rosa
A Celso Maria Melo Paço
CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00
poltrona data horário

<u>21</u>	<u>11.09.77</u>	
-----------	-----------------	--

Responsável: [Assinatura]

CMP 1.2.4.30-6

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Setembro
 25
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
LE COQ D'OR

Cr\$ 1.200,00
 * I 11

POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Setembro
 25
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
LE COQ D'OR

Cr\$ 1.200,00
 * I 13

POLTRONA

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso op. Galdeuro
 A Maria Lourdes M. Pupo

CARRO N.º 01 data 25.0.70 Cr\$

poltrona	data	horário
22		

Responsável: *[Signature]*

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso op. Galo Ouro
 A Celso M. M. Pupo

CARRO N.º 01 data 25.0.70 Cr\$

poltrona	data	horário
21		

Responsável: *[Signature]*

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Promoção da

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento de Teatros

em colaboração com

E. Billoro Promoções Culturais

apresentam

TEMPORADA LIRICA OFICIAL DE 1977

Prefeito do Município de São Paulo
DR. OLAVO EGYDIO SETUBAL

Secretário de Cultura
PROF. SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI

Diretor Depto. Teatros
DR. LUIZ NAGIB AMARY

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1977

5.º récita de Gala, 30 de Setembro, Sexta-feira, às 21 horas

5.º récita vespéral, 2 de Outubro, Domingo, às 16 horas

5.º récita, extraordinária, 4 de Outubro, Terça-feira, às 21 horas

FIDELIO

 pera em 2 atos de LUDWIG VAN BEETHOVEN

Libreto de Joseph Schnleithner e Friedrich Treitschke

Personagens e interpretes

Don Pizarro, governador da prisão	ROLF KUEHNE
Florestan, um prisioneiro	HERBERT BECKER
Leonore, sua esposa, sob o nome de Fidelio	UTE VINZING
Rocco, carcereiro	PETER LAGGER
Marzelline, sua filha	EDMAR FERRETTI
Jaquino, ajudante de Rocco	RICARDO CASSINELLI
Don Fernando, ministro	EDILSON COSTA
1.º Prisioneiro	BORIS FARINA
2.º Prisioneiro	AIRTON NOBRE

Dire o musical:

DIETFRIED BERNET, GMD

Regisseur:	WOLF-DIETER LUDWIG
Cenários segundo:	Wolf-Dieter LUDWIG
Execu�o cenográfica:	Francisco GIACCHERI
Mto. do coro:	Orestes M. SINATRA
Regisseur assistente:	Emmerson ECKMAN
Chefia de guarda-roupa:	Mathilde Godoy Adas
Ponto:	Emilia ROSA
Diretor do palco:	Mto. MANGIONE Jr.
Mtos. preparadores:	Claudio de Brito, Fabio Mechetti
Assistente de produ�o:	Darcy T. YARUSSI

RESUMO

O episódio realmente aconteceu durante a Revolu o Francesa. Mas por motivos de censura política, foi colocado na Espanha do século XVI. A certa distância de Sevilha erguia-se a grande prisão do Estado, governada por um homem vingativo e implacável, Don Pizarro (baixo). Florestan, nobre de Espanha, incorre nas iras do déspota, que manda encarcer -lo na mais l brega masmorra do presídio, ao mesmo tempo que divulga a suposta notícia de sua morte. Porém, Leonora (soprano), esposa de Florestan, resolve pessoalmente investigar o estado de coisas. Toma disfarces masculinos, adota o nome de Fid lio, capta confiança de Rocco (baixo), chefe da carceragem, sendo admitida para realizar pequenos serviços internos e externos da prisão. Para complicar as coisas, Marcelina (soprano), filha de Rocco, noiva de Jacquino (tenor), porteiro

da prisão, apaixonou-se por Fidelio. As primeiras cenas do I ato pouco deixam adivinhar das tensões culminantes e tremendas do drama. Jacquino aproxima-se de Marcelina, que passa roupa a ferro. Tenta dialogar, porém, para sua frustra o, a moça somente tem olhos para Fidelio. Com a chegada de Rocco e Leonora, forma-se admirável quarteto vocal em cânon, durante o qual cada personagem exprime seus sentimentos (**Mir ist so wunderbar...**). "Para mim tão maravilhoso..."). uma graciosa e fluente  ria, Rocco celebra a força do dinheiro: "Quando não se tem dinheiro, a felicidade não pode ser completa". Discreta e habilmente, Leonora interroga-o sobre o destino de Florestan. Pede-lhe permissão para acompanhá-lo ao cárcere subterrâneo. Entra Pizarro. D  ordens severas aos guardas. Um despacho informa-o da iminente che-

gada do Primeiro-Ministro, em visita de correição administrativa às prisões do Estado. Urge liquidar imediatamente com Florestan, vítima do feroz arbítrio de Pizarro. Como Rocco, avelhantado e bondoso, reluta em cumprir a iniquidade, o próprio Pizarro encarregar-se-á do golpe fatal. Leonara, que tudo ouvira, desenvolve soberbo recitativo e ária (**Abscheulicher, wo eilst du hin?** ("Tu monstruoso demônio, que desejas?"; **Komm, Hofnung!**, "Vem esperança, não deixes que empaldeça a derradeira estrela dos fatigados!").

A pedido de Leonora, Rocco permite um passeio dos prisioneiros, instante em que ressoa admirável coro masculino, com passagens solísticas (**O welche Lust!** "Quanto prazer!"). Em vão procura Leonor vislumbrar o marido em meio aos cativos. Mas rejubila-se ante a perspectiva de acompanhar Rocco aos subterrâneos. Retorna Pizarro, furioso com o gesto de Rocco permitindo que os prisioneiros passeiem em relativa liberdade; porém logo se acalma.

O primeiro quadro do II ato se passa na tétrica masmorra em que jaz Florestan. A alongada introdução orquestral (fá menor) constitui uma das maiores páginas de toda a literatura operática. Florestan geme sua desdita num recitativo (**Gott, welch Dunkel hier**, "Céus! Que escuridão! Que horrendo silêncio!"), seguido da ária "Na primavera da vida fugiu-me a felicidade". Surgem Rocco e Leonora, carregando as ferramentas. Inicia-se um diálogo em recitativo com orquestra, denominado "melodrama".

Rocco dá um sinal convencionado a Pizarro, que entra embuçado numa capa negra. Em delírio de raiosa vingança, identifica-se perante o indefeso prisioneiro. É a cena culminante da ópera. É a hora de

Leonora: já ou nunca! "Para trás!", exclama, interpondo-se decididamente entre ambos. Surpreso e contrariado, Pizarro previne que liquidará ambos, porém Leonora exclama: "Mata-lhe primeiro a mulher! Sou Leonora!" E Pizarro, agressivo: "Pois acaso tremerei diante duma mulher? Retira-te ou morrerás também!", ao que Leonora arranca duma arma de fogo que traz no peito: "Apenas um grito e estarás morto!" Nesse instante ressoa ao longe, partindo da torre de menagem ao comando da guarda, um prolongado toque de clarim. O Primeiro-Ministro acaba de chegar. Ressoa um tropel de rudes sapatos ferrados. Surge Jacquino à frente duma escolta de homens d'armas. Ciente dos fatos, Rocco determina que Pizarro seja imediatamente conduzido para os andares superiores, enquanto Leonora e Florestan, finalmente reunidos, dão largas a sua alegria num vibrante duo (**O namenlose Freude!** "Ó indizível júbilo").

No segundo quadro, o Don Fernando (baixo), Ministro da Justiça, se adianta. Investigações conclusas, vem para decidir a sorte dos oprimidos e perseguidos. Rocco abre caminho, acompanhado de Leonora e Florestan, ainda a ferros. No prisioneiro, abatido e macilento, Don Fernando reconhece seu antigo companheiro e amigo, que todos julgavam morto. Soou a hora da justiça! Desesperado, Pizarro tenta defender-se, porém seus argumentos se desfazem sem dificuldade. Sai agrilhado, empurrado pelos guardas. Vai amargar seus hediondos crimes no mesmo calabouço que por pouco seria o túmulo de Florestan. A ópera conclui num heróico e soberbo coro de unânime regozijo, em louvor à fidelidade conjugal, à indômita coragem de Leonora, que salvou o marido das garras da morte.

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

VESPERAL
FIDELIO

Outubro
 02
 Domingo
 16 horas

Cr\$ * I 11
 20000
 1.200,00
POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

VESPERAL
FIDELIO

Outubro
 02
 Domingo
 16 horas

Cr\$ * I 13
 20000
 1.200,00
POLTRONA

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingressos op. Fidelio

A Colônia Maria de Medeiros Pupo

CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00

poltrona	data	herário
<u>01</u>	<u>02.10.77</u>	<u>13,00</u>

Responsável: [assinatura]

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingressos Teatros op. Fidelio

A Maria Luiza de Medeiros Pupo

CARRO N.º 01 Cr\$ 250,00

poltrona	data	herário
<u>22</u>	<u>02.10.77</u>	<u>13.00</u>

Responsável: [assinatura]

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Outubro
 16
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
Navio Fantasma

* I 11

Cr\$ 200,00
 POLTRONA

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
 Departamento de Teatros — E. Billoro
 TEMPORADA LÍRICA OFICIAL - 1977

Outubro
 16
 Domingo
 16 horas

VESPERAL
Navio Fantasma

* I 13

Cr\$ 200,00
 POLTRONA

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso Teatr. Mun. SP
 A Celso Maria Melo Kups

CARRO N.º 01. data 25/07
 poltrona data horário

21		
----	--	--

Responsável: *[Signature]*

Passagem para Excursão

VALE UMA PASSAGEM DE ingresso Temporária
 A Maria Luiza Melo Kups

CARRO N.º 01. data 25/07
 poltrona data horário

22		
----	--	--

Responsável: *[Signature]*